

Presidente Nacional da CUT participa de live do Fórum de Liberdade Sindical nesta 5ª

**LIVE NACIONAL:
PRÁTICAS ANTISSINDICAIS: ATAQUE AO
EMPREGO, SAÚDE E RENDA DO TRABALHADOR**
ABERTURA: Presidentes Nacionais das Centrais Sindicais

O presidente Nacional da CUT, Sérgio Nobre, participa nesta quinta-feira (22), às 18h30, de live do Fórum de Liberdade Sindical do Paraná, que reúne as principais centrais sindicais e o Ministério Público do Trabalho (MPT).

No evento, os representantes do Fórum vão relançar a cartilha “Atos Antissindicais – Manual de atuação”, que foi produzida pelo MPT sob a coordenação do procurador paranaense Alberto Emiliano de Oliveira Neto, com o objetivo de fortalecer a atuação da entidade e também dos sindicais

no combate às práticas que impedem o livre exercício das representações da classe trabalhadora.

O documento aborda desde exemplos práticos de atos antissindicais, passando por análises específicas como condutas discriminatórias, atos contra dirigentes sindicais, a situação da Covid-19 neste contexto, até questões como o acesso à empresa, o direito de greve e a liberdade de associação.

Participam da live, que será transmitida no perfil das entidades do Paraná, além do presidente Nacional

da CUT, os presidentes CTB, Carlos Muller; da Força Sindical, Miguel Torres; da Nova Central, José Reginaldo Inácio; da Pública, José Gozze; e da UGT, Ricardo Patah; e o procurador do MPT Alberto Emiliano de Oliveira Neto.

“Trata-se de um importante evento e que tem como objetivo reforçar nossa atuação no sentido de combater as práticas antissindicais e fortalecer a atual sindical”, explica o presidente da CUT Paraná, Márcio Kieller.

“As centrais fortalecem sua unidade no combate às ações do capital que tem como objetivo restringir nossa atuação”, acrescenta Kieller

A live terá transmissão ao vivo pelo perfil da CUT Paraná no Facebook a partir das 18h30 desta quinta-feira (22). Envie perguntas, comente e compartilhe!

Fonte: CUT

Situação econômica dos brasileiros piorou na pandemia, confirma Datafolha

Quase a metade dos brasileiros sentiu que a vida piorou na pandemia. Para 45,6% da população, a situação financeira ficou mais difícil; outros 41,7% mantiveram o mesmo padrão e apenas 12,6% afirmam que houve uma melhora em seus rendimentos. Os dados são da pesquisa Datafolha, realizada nos dias 7 e 8 de julho.

Para analistas, a crise sanitária, a redução para menos da metade do auxílio emergencial durante a pandemia do novo coronavírus, a diminuição no número de pessoas atingidas pelo programa, a inflação nos preços dos alimentos, das tarifas de energia e dos combustíveis, além do índice de desemprego que atingiu 14,7% da população são os principais motivos que levaram os brasileiros a ter a vida financeira deteriorada sob o governo de Jair Bolsonaro (ex-PSL).

O Datafolha mostra ainda que a piora na vida tem cor e estrato social. Os não brancos tiveram maiores perdas financeiras, assim como os mais pobres. A crise atingiu em maior escala os brasileiros de cor amarela (56%), preta (51%) e parda (46%) do que branca (42%).

Entre os que têm renda familiar de até dois salários mínimos (R\$ 2.200),

54% afirmam que a situação financeira piorou. Esta percepção diminuiu para 37%, dos que ganham de dois a cinco salários mínimos (R\$ 5.500). Para os que ganham até 10 dez salários mínimos (R\$ 11.000), a vida ficou mais difícil para 25%. Já os que têm renda acima de 10 dez salários mínimos, 22% dizem que sua situação piorou.

Quem não se abateu na crise foram os mais ricos. Para 59% deles nada mudou, mas para outros 19% a situação financeira até melhorou, o que confirma outras pesquisas que mostram que a desigualdade social cresceu na pandemia com o aumento da concentração de renda.

Nordeste é a região mais atingida pela crise

Por regiões do país, os nordestinos foram os mais atingidos negativamente pela crise. A piora na situação financeira foi sentida por 49% dos moradores, seguido pela população do Sudeste (46%) e da região Sul (45%). Nas regiões Centro-Oeste e Norte, predominam os entrevistados que dizem não ter sentido mudanças (46%).

Desempregados e com pouco

estudo, os mais atingidos

Sete em cada 10 brasileiros desempregados afirmam que a situação está mais difícil do que antes da pandemia. Para quem tem pouco estudo se a situação já estava difícil, com a crise da covid, piorou.

Dos que têm estudo até o fundamental, 51% sentem que a situação financeira se agravou. Entre os que têm ensino superior isto é percebido por 40% dos pesquisados.

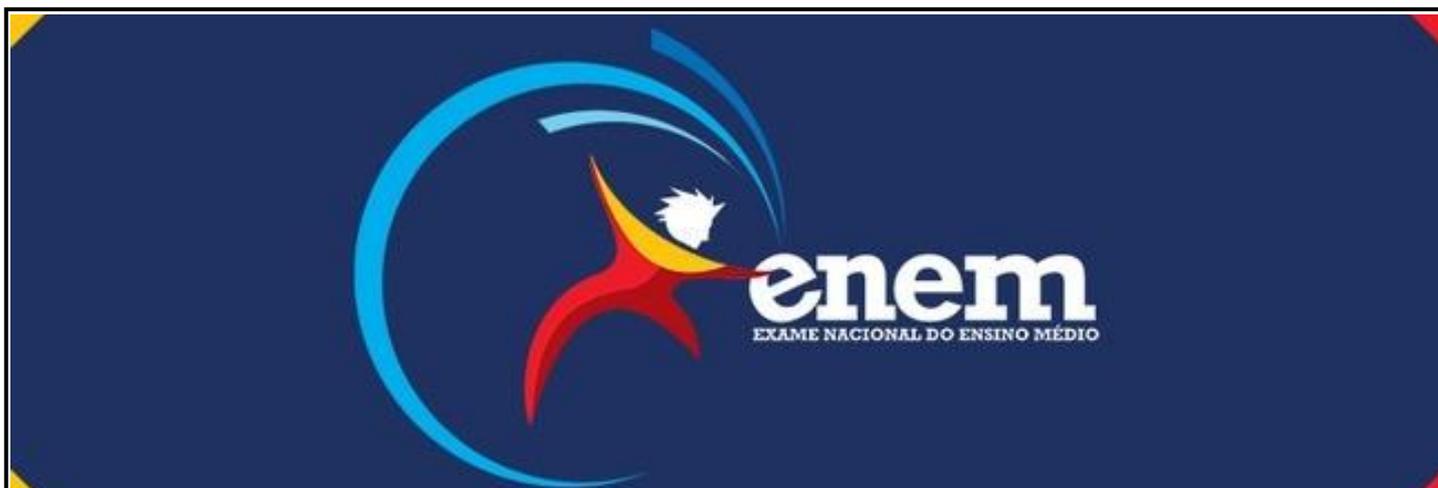
Mesmo para quem não está desempregado a sensação de piora na vida é alta. Ela é sentida por 51% dos autônomos e donas de casa; 46% dos estudantes e por 44% de quem desistiu de buscar emprego.

Auxílio emergencial

Entre os 2.074 brasileiros pesquisados pelo Datafolha, 39% disseram ter recebido o auxílio emergencial no ano passado. Mas neste ano, apenas 58% dos que foram contemplados em 2020 continuaram a receber o benefício, com valor reduzido.

A pesquisa Datafolha tem margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Com informações repassadas pela CUT.



ENEM excludente

Governo Bolsonaro nega isenção de taxa a estudantes carentes

O governo Bolsonaro mostra mais uma vez que não tem compromisso algum com a Educação nem tão pouco sensibilidade para com os mais pobres.

Ao negar a isenção da taxa de inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) aos estudantes pobres que perderam a prova do ano passado por medo da pandemia, o governo Bolsonaro acaba com o sonho de milhares de brasileiros ao acesso às Universidades.

A decisão de não isentar a taxa de inscrição exclui exatamente os estudantes mais pobres do

ENEM, principal porta de entrada para as Universidades Públicas, além de ser critério para o acesso a bolsas do Programa Universidade para Todos (ProUni) e dos contratos de Financiamento Estudantil (Fies).

O prazo para pagamento da inscrição encerrou ontem com o valor de R\$ 85,00; ocorre que a maioria dos estudantes pobres não têm condições financeiras de arcar com essa taxa e de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), até agora o número de pré-inscritos é de cerca de 4 milhões de

alunos, bem menor que os quase 6 milhões registrados em 2020.

Esse é o menor número de participantes desde 2008 e segundo o Inep, a redução das inscrições poderá ser ainda maior, pois muitos dos que estão pré-inscritos não pagaram a taxa de inscrição.

Esse é mais um desastre anunciado por esse governo terraplanista que não acredita e não promove ciência, destruidor dos serviços públicos e que ignora a necessidade dos mais excluídos.

Por Ricardo Milán – Assessor de Comunicação do Sindsep/MA

